



9º Encontro Internacional de Política Social
16º Encontro Nacional de Política Social
Tema: A Política Social na Crise Sanitária revelando Outras Crises
Vitória (ES, Brasil), 13 a 15 de junho de 2023

Eixo: Mundo do Trabalho.

Mobilidade do trabalho e acumulação do capital: Haitianos no Brasil entre 2010-2020

Richemond Dacilien¹
Fernanda Arruda de Oliveira²

Resumo: A presença significativa de imigrantes haitiano/as no território brasileiro só começou no início de 2010. Dados do IBGE (2000) revelaram que, de 1940 a 2000, o número desses imigrantes não ultrapassou 200 no país. No entanto, de 2010 a 2020, os dados do Observatório das Migrações Internacionais-OBMigra estimam a mão de obra haitiana no Brasil a 143.000, com forte presença nas regiões Sul e Sudeste. Assim, o presente artigo visa analisar a lógica de acumulação capitalista na mobilidade haitiana para o Brasil entre 2010 a 2020. De forma preliminar, os resultados deste trabalho apontaram que o capitalismo brasileiro, durante essa última década, participou na mobilidade haitiana para o Brasil e explora suas mãos de obras, que não dominam bem a legislação trabalhista do país e o idioma do povo acolhedor. Para realizar este trabalho, utilizamos a abordagem qualitativa, mobilizando as leituras dos autores da visão crítica, relativa a essa questão.

Palavra-chave: Mobilidade do trabalho. Acumulação do capital. Haiti. Brasil.

Labor mobility and capital accumulation: Haitians in Brazil between 2010-2020

Abstract: The significant presence of Haitian immigrants in the Brazilian territory only began in early 2010. Data from the IBGE (2000) revealed that from 1940 to 2000, the number of these immigrants did not exceed 200 in the country. However, from 2010 to 2020, data from Observatório das Migrações Internacionais-OBMigra estimates the Haitian labor force in Brazil at 143,000, with a strong presence in the South and Southeast regions. Thus, this paper aims to analyze the logic of capitalist accumulation in Haitian mobility to Brazil between 2010 and 2020. In a preliminary way, the results of this work pointed out that Brazilian capitalism, during this last decade, has participated in the Haitian mobility to Brazil and exploits their labor hands, who do not master the country's labor legislation and the language of the welcoming people. To carry out this work, we used the qualitative approach, mobilizing the readings of authors of the critical view, concerning this issue.

Keywords: Labor mobility; Capital accumulation; Haiti; Brazil.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século XX e no início desse século, vários fatores transformaram profundamente o mundo do trabalho no planeta. Basta aludir, às novas tecnologias da informação, à globalização da economia e à ascensão do neoliberalismo (NAKATANI; GOMES 2015). A participação massiva das mulheres na força de trabalho (feminização do trabalho), as disparidades significativas entre os mercados de trabalho formal e informal, a imigração recente e diversificada (migração sul-sul, migração preta, feminização da migração),

¹ Bolsista de Doutorado CAPES/DS (Edital n. 09/2020) em Política Social, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Mestre em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia. E, Bacharel em Serviço Social na Université d'État d'Haiti (UEH). E-mail: dacilienr@gmail.com

² Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: frearrudaoli@gmail.com

o envelhecimento da força de trabalho, novos valores em relação ao trabalho e à carreira, bem como a necessidade de conciliar o trabalho e a vida familiar também estão entre as transformações mais significativas. O resultado de tudo isso, de acordo com a reflexão de Charest (2007), é um mercado de trabalho com múltiplas configurações para a força de trabalho onde o melhor muitas vezes esfrega ombros com o pior dentro dos espaços. Essas novas realidades de trabalho, disse Behring (2008), questionam profundamente a maioria das políticas sociais do Estado desenvolvidas no auge da era industrial, em meados do século XX.

No entanto, além das transformações do trabalho, o papel dos atores sociais e do próprio Estado-nação são prejudicados em sua capacidade de impor políticas renovadas para o trabalho. Assim, o mundo do trabalho sofreu profundas transformações, impulsionadas pelo fenômeno da globalização, como ressaltaram (CHAREST, 2007; HARVEY, 2009). No entanto, os/as trabalhadores(as) imigrantes são as principais vítimas desse cenário. Dacilien e Chaves (2021), sobre esse aspecto, assinalaram que, o trabalho imigrante apresenta variáveis, tendo diferentes formas e particularidades em cada país e em cada contexto histórico, assim como apresenta determinantes de classe, gênero, raça/etnia.

O Brasil também, não é exceção durante esse período, imigrantes, especialmente, os imigrantes pretos/as, são as principais vítimas desta categoria social. Os dados do Observatório das Migrações Internacionais-OBMigra (2021) demonstram, nesse sentido, uma mudança radical nos perfis raciais do/as chegado/as durante a década de 2010-2020. Em 2011, por exemplo, imigrantes pretos/as representavam 13,9% do total daqueles que estavam no mercado formal de trabalho, e no fim da década (2019), já eram maioria (54,4%) e os haitianos (às) eram maioria.

Partindo de um fato histórico segundo o qual, Brasil sempre escolheu as mãos de obra de uma imigração branca (política de embranquecimento durante todo século passado), por que essa mudança nos perfis raciais de imigrantes no país durante esta última década? por que o Brasil, que nunca foi um destino para as mãos de obra haitiana, se torna hoje um destino favorito? Como o Estado brasileiro, especialmente o capitalismo brasileiro participou na mobilização e exploração da mão de obra de imigrantes haitianos durante esse período de tempo? Assim, o presente artigo objetiva analisar a lógica de acumulação do capital na mobilidade haitiana no Brasil durante essa última década (2010-2020). Para realizar este

trabalho³Utilizou-se abordagem qualitativa, mobilizando as leituras dos autores da visão crítica, relativa a essa questão. O trabalho foi estruturado em dois pontos. No primeiro ponto, discutiu-se a lógica do capital na mobilidade trabalho. Um conjunto de teorias sobre migração foi revisto. No segundo ponto, analisou-se a lógica de acumulação na mobilidade da força do trabalho haitiana no Brasil durante esta última década.

2. Acumulação do capital na mobilidade do trabalho: uma análise teórica contextual

A expressão de mobilidade do trabalho é compreendida como um fenômeno que promove o deslocamento espacial, setorial e profissional do trabalhador, com o objetivo do capital explorar sua força de trabalho e acumular excedente econômico (GAUDEMAR, 1977). Para entender melhor essa lógica de acumulação do capital na mobilidade do trabalho, devemos primeiro nos perguntar, por que se emigrar realmente? Neste debate, os pontos de vista teóricos divergem: para os autores positivistas clássicos, a migração é um fenômeno natural e inevitável resultante da escolha pessoal do indivíduo migrante. Nesta linhagem, o economista inglês, Malthus (1798) declarou que a migração é uma consequência inevitável da superpopulação. Esse pensamento decorre da visão de que a população cresce em ordem geométrica, mas a capacidade da terra de reprodução dos recursos naturais para atender as necessidades com alimentos e outros bens para população cresce em ordem aritmética. Portanto, há uma inadequação entre o crescimento populacional e o número de riqueza disponível, que é a base do fenômeno migratório acelerado no mundo (MALTHUS, 1798).

De fato, a abordagem clássica positivista é baseada na hipótese central de racionalidade e homoeconomicus (sic), à qual a complexificação é progressivamente introduzida. A unidade de referência continua sendo o indivíduo, possivelmente a família. No entanto, disse Gaudemar (1977), não leva em conta o contexto sócio-histórico e político que dá origem a este fenômeno, o que é indispensável para compreender melhor os fatores explicativos da migração tanto nacional quanto internacional.

³ Cabe salientar que este trabalho, foi construído como parte da avaliação final do curso "Tendências em Política Social no Capitalismo Contemporâneo", do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo-PPGPS-UFES, mas também como parte da base teórica do meu projeto de tese de doutorado no PPGPS da UFES, intitulado: "Imigração Haitiana e Racismo Estrutural Brasileiro: Haitianos nas Cidades do Rio de Janeiro e Manaus-AM (2010-2022)". Foi revisado para ser adaptado no eixo temático dois (2) "mundo do trabalho" do 9º Encontro Internacional de Política Social e 16º Encontro Nacional de Política Social, que acontece de 13 a 15 de junho de 2023 na UFES.

Apesar de Marx (apud SAID, 1984) não estar diretamente preocupado com o fenômeno migratório em suas muitas investigações, mas indiretamente, ele o abordou, como uma consequência das relações contraditórias entre capital-trabalho. Ao examinar os efeitos das mudanças de política, econômica e social na França, Irlanda e Escócia, Marx (apud SAID, 1984) enfatizou que foram os governos e os militares que forçaram os camponeses e pequenos proprietários a migrarem, através de políticas de atração de força de trabalho.

Lenine (1977) observou que o expansionismo do sistema capitalista no mundo ocorria a partir da migração, era planejada por e para grandes empresas capitalistas, exigindo a disponibilidade de força de trabalho e de baixo custo. Assim, ele declarou que: o propósito da imigração é justamente fazer vir à força de trabalho para explorar. Gaudemar (1977) compartilhou da mesma ideia que as grandes ondas de migração internacional são planejadas pelas grandes empresas capitalistas, que precisam de forças de trabalho superexploradas. Porque, geralmente, esta categoria está exposta a condições difíceis de trabalho, devido à inexistência ou não das aplicações de leis que regularizem sua situação. Assim, tal estratégia representa uma combinação vantajosa para a dinâmica de expansão das empresas capitalistas, que aproveitam todas as vantagens disponíveis ao disporem de força de trabalho abundante e barata. Nessa mesma linha, um grupo de sociólogos franceses ponderaram sobre o “mito da aristocracia” que se forma no interior do proletariado para explicar bem a lógica do capital, que, para explorar os trabalhadores, desenvolvem das políticas discriminatórias, favorecendo certo privilégio para uma minoria de trabalhadores com base na origem, experiência, sexo, raça ou nível de qualificação, etc. (POST, 2008).

Sobre esse assunto, Marx (1985), sem concordar com a expressão da aristocracia proletária, mas utilizou esse conceito no livro 3 do Capital, para especificar que a burguesia divide o proletariado, de acordo com as fronteiras nacionais, e favorece uma nacionalidade em detrimento de outra, a fim de impedir a união internacional dos trabalhadores e manter sua dominação de classes sobre todo o proletariado. Marx descreve essa estratégia da burguesia de excitar os proletários ingleses contra os proletários irlandeses imigrantes, oferecendo privilégios aos trabalhadores ingleses enquanto ameaça esses mesmos privilégios através da concorrência de trabalhadores de diferentes nacionalidades. Essa afirmação pode ser observada em relação à situação média salarial anual dos trabalhadores nas grandes empresas americanas, de acordo com a região de nascimento (CF. Quadro 1).

Quadro 1: Salário médio anual nos Estados Unidos segundo região de nascimento (em US \$, correntes).

NATIVOS	MEXICANOS	CENTROAMERICANOS	CARIBENHOS	SUL-AMERICANOS
39575	24270	25750	32515	34400

Fonte: *Consejo Nacional de Población* - CONAPO, 2008. Disponível em: www.conapo.gob.mx. Acesso em: 21.08.2019.

O Quadro 1 demonstra claramente a lógica do capital no planejamento das ondas migratórias no mundo. Isso é o alicerce na qual sua exploração se baseia. Por exemplo, um caribenho, um mexicano ou um sul-americano, em suma, um estrangeiro, que trabalha em uma empresa americana, mesmo trabalhando como nativo americano custa menos à empresa. Portanto, o sistema capitalista imperialista tem interesse em estimular projetos migratórios em países da periferia. Sobre esse assunto Baeninger (2013) explica que a força de trabalho latino-americana nos Estados Unidos está presente em setores essenciais da economia norte-americana: serviços que requerem pouca qualificação, indústrias tradicionais intensivas em trabalho humano (têxtil, sobretudo) e nas plantações agrícolas. Esta participação, que como vimos tem a especificidade de se inserir no mercado de trabalho sob mais largas jornadas de trabalho, com relativa inferioridade ou mesmo ausência de direitos trabalhistas e previdenciários, com uma superior contribuição de riquezas criadas pela intensidade maior de seu trabalho e uma remuneração inferior à média nacional, é especialmente importante para o capital em tempos de crise capitalista como o atual (BAENINGER, 2013, p.208).

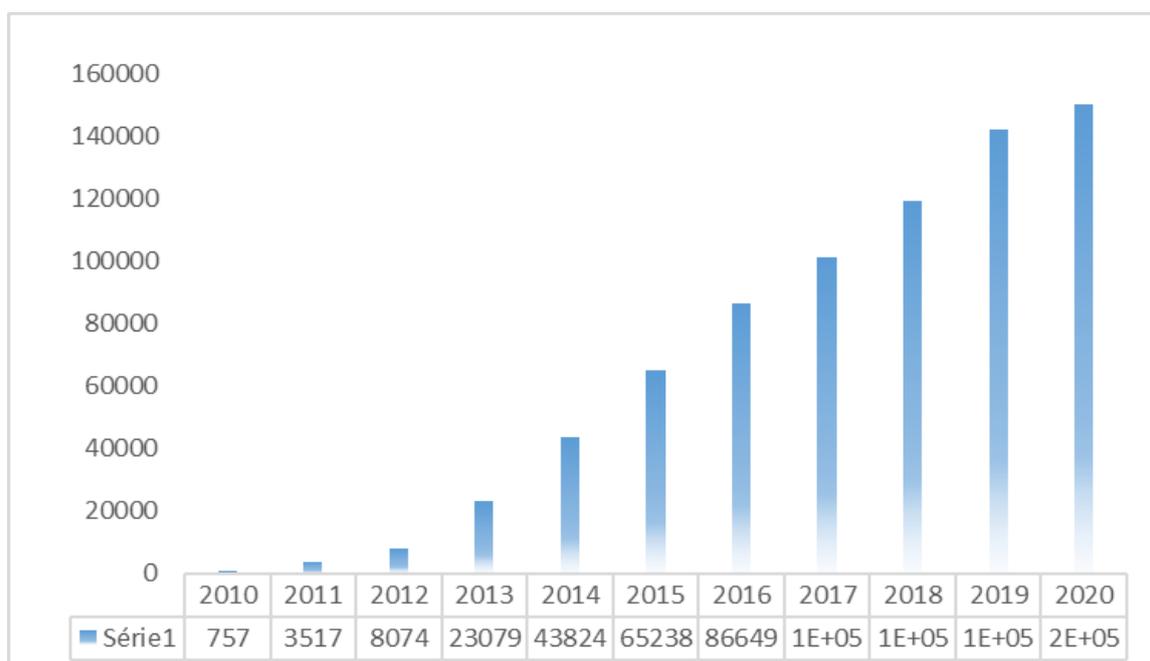
No caso do Haiti, autores como Hurbon (1988), Etienne (1997), Dacilien & Jean-Baptiste (2017) e outros explicaram que a migração acelerada do povo haitiano é um projeto oficial do Estado haitiano, em cumplicidade da Comunidade internacional, especialmente com os Estados Unidos da América, porque as grandes empresas nortes americanas precisavam e, ainda precisam das mãos das obras haitianas para operar suas indústrias estabelecidas em diferentes países latino americano e/ou do Caribe. Então, como o Estado brasileiro (diria melhor o capitalismo brasileiro), durante essa última década mobilizou as mãos de obras haitianas para serem exploradas?

3. Acumulação do capital na mobilidade haitiana no Brasil entre 2010 a 2020

Para entender a lógica capitalista na mobilidade haitiana no Brasil durante esta última década, é necessário analisar os fatores explicativos da presença de haitianos no território

brasileiro. Assim, Handerson 2015) explica que a presença significativa de imigrantes haitianos no Brasil, só começou na década do ano de 2010. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE (2000) revelaram que, de 1940 a 2000, o número desses imigrantes não ultrapassou 200 no território do país. Entretanto, de 2010 a 2020, há uma presença espetacular desses imigrantes no Brasil. Dados de OBMigra (2020), revelam que entre 2010 a 2020 haviam mais de 150 mil haitianos no país. Conforme a ilustração do gráfico 01, mostrando uma evolução espetacular de imigração haitiana no Brasil durante essa última década.

Gráfico 1: Evolução espetacular da imigração haitiana no Brasil de 2010 a 2020.



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados de OBMigra (2020).

Então, por que o Brasil se torna um novo destino para os haitianos? Como o capitalismo brasileiro participou na mobilização e exploração das forças de trabalho haitianas no país durante essa última década? O assunto gerou polêmica entre pesquisadores brasileiros e haitianos. Até o momento, não há uma resposta direta e irrefutável para essa pergunta, portanto, neste trabalho, são propostas duas hipóteses explicativas.

A primeira diz respeito à presença crescente dos imigrantes haitianos no Brasil, influenciada pela presença do contingente militar brasileiro à frente da força da Organização das Nações Unidas-ONU no Haiti desde abril de 2004. Efetivamente, após a segunda partida forçada do presidente Jean-Bertrand Aristide, em 29/02/2004, o Haiti viveu uma situação que pode ser classificada como de terror, pela oposição aos grupos de bandidos armados

(HANDERSON, 2015; SILVA, 2016). O presidente Boniface Alexandre (2004-2006)⁴, que estava na presidência do país, apelou para o Conselho de Segurança da ONU para enviar uma força de paz para o país. Assim, em abril de 2004, a ONU criou a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), através da Resolução 1542/2004, liderada pelo Brasil, que contava com o maior número de soldados nessa força (SILVA, 2016; DESROSIERS, 2020). Os contingentes militares brasileiros desenvolveram uma política de proximidade com a população haitiana. Eles tiveram presença constante em todos os bairros populares haitianos, jogando futebol com os jovens haitianos, organizando jogos de futebol entre as seleções haitiana e brasileira, em 2004, levaram ao Haiti as grandes estrelas do futebol brasileiro. Como mostra a Figura 01 do trabalho.

Figura 1: Encontro entre o haitiano e a seleção brasileira de futebol para jogar uma Partida, batizada de paz, no estádio Sylvio Cator, em Porto Príncipe, em 18 de agosto de 2004.



Fonte: Crédito a Nilton Santos, 2004.

Nesse jogo, a seleção brasileira venceu os haitianos por 6 a 0, mas quem fez a festa, foi a torcida local, que por um dia esqueceu a crise sócio política que afligia o país, como assinalou a Confederação Brasileira de Futebol-CBF:

Era um dia de sol e muito calor no Haiti. Nas ruas - quase todas de terra -, a população tomava a cidade de Porto Príncipe. Mas não era um novo capítulo na guerra civil que tomava conta do país. 18 de agosto de 2004 representou um dia histórico para os haitianos, principalmente,

⁴ Alexandre é um jurista haitiano. Foi presidente do Haiti, de 2004 até 2006. Após a derrubada do então presidente Jean-Bertrand Aristide a 29 de fevereiro de 2004, Alexandre Boniface, como Juiz Presidente da Suprema Corte do país, era o seguinte na linha sucessória, por isso assumiu o cargo de presidente.

mas também para a Seleção Brasileira. No Jogo da Paz, como ficou conhecido o amistoso entre Brasil e Haiti, o placar foi de 6 a 0, mas a comemoração foi de todos (CBF, 2004, sp).

Assim, para os haitianos o Brasil começou a aparecer como uma terra de oportunidades em caso de necessidade (FERNANDES, 2014). Entretanto, de 2004 a 2010, Handerson (2015), Dacilien (2020) apontam que o Haiti experimentou uma onda de desastres naturais que agravou a situação socioeconômica do país. Em 2010, o país foi devastado por um terrível terremoto de magnitude 7,3 na escala Richter, causando perdas consideráveis, na vida humana, que em bens: 300 mil de mortos, 310,900 mil e 1,5 milhões de desabrigados (HAITI, 2010). Além disso, os prejuízos em decorrência a essa catástrofe de 2010, foram estimados em US \$10 bilhões, o que equivalia a pouco mais de 120% do produto interno bruto do país em 2009 (HAITI, 2010). Isso exacerbou ainda mais os problemas socioeconômicos e infraestruturas do Haiti, principalmente na cidade de Porto Príncipe, bem como na sua região metropolitana, a parte mais afetada devido à maior concentração populacional, de investimentos e das infra estruturas básicas do país (DESROSIERS, 2020).

Diante do agravamento das condições de vida na cidade, logo após o terremoto havia um fluxo migratório interno de haitianos conforme os estudos da Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2012, p. 36) mostrando que entre 2010 e 2011, mais de 1.500.000 haitianos foram deslocados para outras regiões do território nacional. Paradoxalmente os estudos de Schwartz (2011), citado por Desrosiers (2020, p 28), indicam que os sobreviventes do desastre que fugiam da região metropolitana de Porto Príncipe já estavam voltando para a capital no final de março daquele mesmo ano. Além da mobilidade interna de haitianos, o terremoto de 12 de janeiro de 2010, bem como os problemas estruturais anteriores aquela catástrofe, desencadeou um movimento migratório que ultrapassou as fronteiras nacionais e, assim, adquirir uma dimensão internacional que pode ser considerada como a quarta grande onda migratória em massa de haitianos para o exterior, como apontou Handerson (2015, p.73):

O quarto registo de fluxo de mobilidade haitiana iniciou-se a partir de 2010. Diante dos diversos tipos de insegurança: pública, política, socioeconômica, alimentícia, educacional, incluindo a área da saúde e do saneamento básico, todas elas em decorrência do quadro empobrecido e precário do Haiti, agravado pela tragédia provocada pelo terremoto de janeiro do referido ano, a mobilidade haitiana ganhou especial significância, volume e crescimento de novos sujeitos e circuitos no espaço migratório internacional.

Efetivamente, o povo haitiano que desde 1915, está sempre em movimento, a tragédia de 2010, desencadeou a quarta onda migratória do país e, o Brasil se tornou desde então, um dos destinos da migração haitiana, como podemos constatar no (CF. Quadro 2) seguintes.

Quadro 7: Perfil e diferentes destinações de grandes fluxos migratórios haitianos para o exterior, de 1915 a hoje.

Período	Perfis de imigrantes	Principais destinação
1915-1934	Camponeses expropriados de suas terras e que foram levados para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar das empresas dos EUA, durante a primeira ocupação norte americana do Haiti.	Cuba e República Dominicana
1957-1986	Grupos de profissionais qualificados em fuga da opressão política da ditadura dos Duvalier (pais e filho)	EUA, Canadá, França, Bahamas, Guiana Francesa e África-francófona
1991-1994	População de baixa renda em fuga das condições sócio-econômicas e políticas no contexto do golpe e embargo econômico dos EUA contra o Haiti	UEA e a República Dominicana
2010-Até hoje	Grupo social, na sua maioria, menos favorável no sistema social desigual estabelece no Haiti, em busca de melhores condições de vida após o terremoto de 12 de janeiro de 2010	Brasil, UEA, Chili

Fonte: Elaboração própria, com base nas informações de Audebert (2012) e Handerson (2015).

A segunda hipótese explicativa da presença dos haitianos no Brasil, é que durante a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011), o Brasil firmou-se como uma superpotência da região, com abertura ao mercado internacional. De acordo com nosso entendimento, a presença de soldados brasileiros no Haiti e o terremoto de 2010 são apenas pretextos explicativos, na verdade essa presença é explicada pela abertura do Brasil ao mercado internacional com uma imagem de superpotência na região sob a presidência de Lula. O que Magalhães e Baeninger (2014) identificam como uma posição de "subimperialismo" para dominar a zona americana do ponto de vista econômico, político e mesmo militar:

Nos últimos anos, a economia brasileira experimentou uma expansão e o Brasil redimensionou-se no rol dos principais países da geopolítica mundial. Como suporte da expansão econômica, necessita cada vez mais ocupar os postos da gerência capitalista internacional, como o Conselho de Segurança da ONU, por exemplo. A participação nas missões militares de estabilização (MINUSTAH) promovidas pela ONU, e particularmente a participação como coordenador no caso do Haiti (MAGALHÃES & BAENINGER, 2014, p.14).

Deste modo, embora a representação do Brasil e dos brasileiros no imaginário popular do povo haitiano tenha ganhado uma forte conotação e significado, como analisamos na primeira hipótese, este fenômeno tomado de forma isolada não pode ser visto como único fator acelerador ou desencadeador da emigração haitiana. O fator preponderante nesta equação são

as consequências nefastas das relações econômicas desiguais internas ao Haiti e externas na relação com outros países. O Brasil, apresentou-se como uma forma de satisfazer as necessidades de mão de obra, particularmente para atender às necessidades do subimperialismo brasileiro, no momento histórico onde o sistema econômico enfrentou um conjunto de contradições.

Sobre este aspecto, Léon (2013), jornalista haitiano do *New York Times*, apresentou o Haiti como a primeira vítima da tentação imperial do Brasil. O autor haitiano salientou que não foi um ato filantrópico que animou as elites econômicas e políticas brasileiras ao aceitar ser o coordenador desta força no Haiti, mas a sua ambição imperialista como o segundo mestre econômico e político do hemisfério no início das duas últimas décadas.

A missão do Brasil era "estabilizar" o Haiti. Porém, em termos não diplomáticos, o Brasil deve desempenhar um papel militar. Os reveses registrados pelos EUA na Somália nos anos de 1994-95 e o impasse no Iraque, Afeganistão, mais perto de casa na Líbia, Síria... são muito recentes para se aventurar em outro problema onde os negros se chocam. As elites econômicas e políticas do Brasil, segundo Léon (2013) abusaram dos estreitos laços culturais que uniram os dois povos do Haiti e do Brasil para implementar a política de conquista:

(...) antes da MINUSTAH chegar ao Haiti, assim que falamos sobre o Brasil, nos referimos ao futebol, ao Rei Pelé ou ao carnaval carioca, que é uma maravilha artística e cultural. É verdade que o governo usou a seleção brasileira de futebol, em 18 de agosto de 2004, para jogar uma partida de futebol qualificada "Pela Paz" contra a seleção haitiana, em sua cruzada para conquistar os corações e mentes dos haitianos. Aquele dia foi um tormento para nossos patriotas haitianos que viram nossos congêneres aplaudirem os jogadores brasileiros às custas de seus nacionais. E, para crucificar ainda mais o país, jogadores e dirigentes brasileiros viajaram para a república vizinha para passar a noite após o jogo, o que significa que o Haiti não era digno de honrar a hospitalidade das estrelas brasileiras. Gastar! Hoje, somando-se ao futebol e à cultura brasileiras, há também os massacres de pessoas pobres, cólera e também a arrogância natural de um ocupante em relação aos sujeitos derrotados. No entanto, do ponto de vista geopolítico e estratégico, a realidade brasileira é radicalmente diferente e é impulsionada pela mania de estender sua influência sobre outros países da região.

Como apontou Jean-Baptiste (2018), o Brasil está lá no Haiti desde 2004, antes mesmo do Haiti chegar ao Brasil em 2010. Efetivamente, Segundo Magalhães (2017) a aproximação significativa entre haitianos e brasileiros se deu por meio da empresa brasileira OAS Construtora, que teve um contrato no Haiti para melhorar e ampliar a malha rodoviária n° 7 no sul do país⁵. Através dessa aproximação com os brasileiros no Haiti, os haitianos, de alguma forma, tomam conhecimento do Brasil, num momento em que o país sul-americano, segundo

⁵ Mais informações disponíveis em: <https://lenouvelliste.com/article/60052/vers-la-rehabilitation-de-la-route-cayes-jeremie> Acesso em 20 de janeiro de 2022.

Harvey (2011), teve um crescimento socioeconômico por não ter sido afetado diretamente pela crise financeira do capitalismo global entre 2007 e 2008. Isso tudo cria de algum modo expectativas no imaginário dos haitianos ao conhecerem o Brasil pela sua imagem positiva no Haiti. Diante dessa dinâmica também, o Brasil foi escolhido para sediar três grandes eventos esportivos internacionais: a Copa do Mundo de 2014, os Jogos Olímpicos de 2016 e a Copa América de 2019. Esta situação obrigou o país a tomar todas as medidas necessárias em termos de infraestrutura para organizar essas três grandes competições esportivas que geraram expectativas de empregos no imaginário dos haitianos, por exemplo, na construção civil (COTINGUIBA, 2014; CAVALCANTI, 2015, PACHI, 2019; DESROSIERS, 2020).

O presidente Dilma Rousseff, numa visita no Haiti, em fevereiro de 2012, dois anos depois o terrível terremoto, afirmando no seu discurso⁶, que o Brasil está de portas abertas para todos os haitianos que procuravam emprego. Então, para entender melhor porque o Brasil estava aberto para os haitianos, ou seja, por que Brasil se tornou durante esta última década um dos destinos pela imigração haitiana, é necessária verificar o trabalho de Cavalcanti, Oliveira e Tonhati (2015) que foi realizado sobre a integração dos estrangeiros no mercado de trabalho brasileiro. Nela, os autores demonstram que, entre 2011 a 2013, os grupos ocupacionais de trabalho pelos haitianos estão na indústria capitalista brasileira, conforme o (CF. Quadro 02).

Quadro 2: Haitianos com vínculo formal de trabalho, segundo principais grupos ocupacionais no Brasil, no período de 2011, 2012 e 2013

GRUPOS OCUPACIONAIS	2011	2012	2013
TOTAL	814	4.117	14.590
Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais	475	2.970	10.910
Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados	182	643	2.534
Trabalhadores de serviços administrativos	42	234	630
Trabalhadores em serviços de reparação e manutenção	33	55	197
Técnicos de nível médio	68	136	166

⁶ O maior e mais antigo jornal haitiano, LeNouvelliste, nesta prestigiosa visita de Dilma ao Haiti, intitulou o seu editorial: "O Brasil e o Haiti estão em perfeito amor". Neste editorial, o jornal explicou que a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, chegou ao Haiti na quarta-feira, 2 de fevereiro de 2012, para uma visita de algumas horas no âmbito de uma digressão que está a realizar nas Caraíbas. A cooperação entre os dois países, Minustah e os recentes problemas migratórios estão na agenda das conversações que teve com o Presidente Michel Martelly e outras autoridades haitianas. Por mais informações consulta em: <https://lenouvelliste.com/article/102257/le-bresil-et-haiti-filent-le-parfait-amour> Acesso em 28.09. 2022.

Trabalhadores agropecuários, florestais e da pesca	2	48	105
Diretores e Gerentes	4	25	29
Profissionais das Ciências e das Artes	6	6	6
Membros das Forças Armadas, policiais e bombeiros militares.	2	0	1

Fonte: Cavalcanti, Oliveira, Tonhati, 2015.

Havia de facto uma necessidade de mão-de-obra haitiana no Brasil durante este espaço de tempo. Este Quadro mostra que 73,59% dos haitianos trabalhavam no sector industrial, na base da pirâmide de produção industrial brasileira, entre 2011 e 2013. Ou seja, durante este período, houve uma necessidade de mão-de-obra haitiana no mercado formal brasileiro. Nesta medida, esta mão-de-obra ocupava o primeiro lugar no movimento dos trabalhadores imigrantes no mercado de trabalho formal do país. Esta tendência continua até hoje, como verificámos no último relatório Obmigra, em 2020, os haitianos ainda ocupam o primeiro lugar no movimento de trabalhadores imigrantes em empresas capitalistas brasileiras, como indica o seguinte (CF. Quadro 3) do trabalho.

Quadro 3: Movimentação de trabalhadores imigrantes no mercado de trabalho formal, tipo de movimentação e ano, segundo país de nacionalidade 19, Brasil, 2019-2020.

País de nacionalidade	Admitidos			Demitidos			Saldo	
	2019	2020	Var(%)	2019	2020	Var (%)	2019	2020
Haiti	15.581	15.032	-3,5	12.729	12.303	-3,3	2.852	2.729
Venezuela	8.335	11.975	43,7	3.498	7.271	107,9	4.837	4.704
Paraguai	3.207	907	-71,7	3.025	964	-68,1	182	-57
Argentina	2.086	914	-56,2	2.059	1.098	-46,7	27	-184
Bolívia	1.553	816	-47,5	1.560	1.014	-35	-7	-198
Outros	14.456	6.822	-52,8	15.007	8.326	-44,5	-551	-1.504
Total	45.218	36.466	-19,4	37.878	30.976	-18,2	7.34	5.490

Fonte: Elaborado pelo Obmigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CTPS-CAGED, 2020.

Esses dados confirmam nossa segunda hipótese, mostrando que as empresas capitalistas brasileiras tinham efetivamente interesses nas mãos de obra haitiana. Essa mão de obra que, de acordo com Magalhães (2017), é superexplorada por seus empregadores, ou seja, sofrem a violação do valor da força de trabalho aqui no Brasil.

De fato, a revelação do pesquisador brasileiro só confirma a visão racista da Comunidade Internacional sobre o Haiti. Por exemplo, em janeiro 2009, no momento que o Brasil liderava a MINUSTAH no país, o Secretário geral da Organização das Nações Unidas delegou ao Haiti

um emissário a fim de estudar as possibilidades de “lançar o desenvolvimento econômico” do País, atropelado pela passagem de quatro furacões em 2008. O relatório deste estudo é conhecido no Haiti como “*Rapport Collier*”, em nome de Paul Collier, professor de economia da Oxford University (SEGUY, 2015). Dentro das estratégias propostas pelo relatório, Collier fala sobre garantir a segurança econômica do Haiti: “a reconstrução da infraestrutura e a expansão das zonas francas” (COLLIER, 2009). Porém, a “reconstrução” apontada por este relatório exige “uma estratégia realista”. Esse realismo por sua vez se expressa na performance seguinte: não é economicamente racional tentar desencravar as regiões montanhosas do Haiti ao construir uma infraestrutura ligando populações espalhadas nestas regiões. Além de caro do ponto de vista da manutenção, o País não teria capacidade de assumir um cargo tão pesado (COLLIER, 2009, p.10).

Ou seja, na leitura do economista da Oxford, o melhor seria deixar essas populações vis e sem nenhuma importância econômica, dispersadas e espalhadas nas montanhas, na maior precariedade possível, sem nenhum meio de comunicação sequer, nem entre si nem com o restante do País. Na análise do sociólogo haitiano, Franck Seguy (2015), ele relatou que o delegado do Secretário-Geral da ONU olhou pelas regiões montanhosas do Haiti e não vislumbrou nenhum sujeito histórico. Por isso, não se preocupa com a eventualidade de, num dia futuro, ter de prestar conta. Por isso, acredita ele que é muito mais fácil e rápido estabelecer as infraestruturas e serviços dos quais precisa a indústria criando pólos de excelência invés de tentar melhorar estas infraestruturas no conjunto do país” (COLLIER, 2009, p. 12). Isto é, a dita estratégia realista do emissário da ONU não está nada preocupada em oferecer condições de vidas dignas e humanas a haitianos.

Ao ver o modo como Paul Collier se refere à mão-de-obra haitiana como barata dá a impressão de que se trata de um fato natural. O que ele evita dizer é que o barateamento da assim chamada mão de obra haitiana resulta de um processo na base do qual se encontra o racismo descarado. Se ler cuidadosamente a tese de Magalhães (2017), é a mesma ideia racista que é vertida no seu texto, a mão-de-obra haitiana é mais forte, mas custa menos aos patrões das empresas brasileiras. Então, por que essa inadequação no caso da mão de obra haitiana no mercado internacional, em particular, na sociedade brasileira? Exige entender melhor essa inadequação, quando lemos os autores da visão crítica de migração internacional, incluindo Lenine (1966), e Gaudemar (1977), que nos explicam a lógica do capital nas mobilidades humanas é fazer vir as forças de trabalho migratórias para explorar.

Então, por que o Brasil se torna o novo destino para migrantes haitianos? Nossas duas hipóteses são complementares: a presença de soldados brasileiros no Haiti, as políticas de proximidade desenvolvida com a população haitiana nos bairros de 2004 a 2010, poderia ajudar a criar no imaginário haitiano uma imagem idealizada do Brasil, que passou a ser visto como uma terra de oportunidades para suprir as necessidades não atendidas pela nação haitiana. Somando, ao fato de neste período o crescimento econômico vivido no Brasil que requisitava força de trabalho para executar seus grandes projetos iniciados em 2008, como, por exemplo, obras com baixos custos para realizar o prelúdio dos grandes eventos esportivos de 2014 a 2019.

Considerações finais

Em suma, quando o governo de Dilma, formalizou a política migratória favorável aos haitianos, através da Resolução Normativa, nº 92 de 12/01/2012, que estipula no art. 1º :”ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias”, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro, isso pode ser interpretado por ideias simplistas, como apenas um gesto de amor ou /e compaixão pelo povo haitiano afetado pelo terremoto de 2010. No entanto, uma análise crítica nos obriga ir além da aparência, para entender melhor a essência, como exigido por Marx em sua dialética. Pode se pensar que o povo haitiano por sempre ter sido emigrante, estava apenas seguindo o curso natural de sua história, mas na verdade ao analisar o contexto dessa passagem é visto que, a história do povo haitiano é de luta por qualidade de vida, por conquista digna de seu território e a busca pelo restabelecimento de seu povo com um Estado que o entenda, a migração atravessa essa história.

Assim como a formação dos Estados-nação no Caribe e na América Latina, o capitalismo roubou as estradas desses países, destruindo os caminhos de uma nação e limitando sua cultura, se o gigante sul-americano, Brasil utiliza se a mão de obra barata da nação saqueada, não foi nada, mas está atendendo às demandas do capitalismo internacional na formação de economias periféricas, seguindo os melhores interesses de dividir para conquistar. Por fim, não se pode pensar nesses eventos de forma linear, há uma necessidade histórica, política e cultural com as nações latinas e caribenhas de se olhar a sua trajetória em todas as especificidades, dando a importância de todas as ferramentas de dominação, inclusive aquelas que se demonstram inofensivas, na barbárie de uma típica sociedade capitalista não espaço para compaixão.

Referências

BEHRING, Elaine Rossetti. Trabalho e seguridade social: o neoconservadorismo nas políticas sociais. In: BEHRING, Elaine Rossetti; ALMEIDA, Maria Helena Tenório (orgs). **Trabalho e seguridade social: percursos e dilemas**: São Paulo: Cortez, 2008, p.152-174.

BRASIL. **Resolução Normativa nº 97 de 12/01/2012**. Dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti. Diário Oficial da União. Brasília, DF, jan. de 2012. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=116083>. Acesso em: 6 mar. 2022.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **Imigração e refúgio no Brasil**: Retratos da década de 2010. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>. Acesso em: 12 dez. 2021.

CHAREST, Annick, CHAREST, Jean & al. **Quelles politiques du travail à l'ère de la mondialisation ?** Colloque international. 24-26 mai 2007. HEC Montréal, Canada. Disponível em: crimt.org/Francais/PP_Main_site_fr.html. Acesso em: 16 abr. 2022.

COLLIER, Paul. **Haïti: des catastrophes naturelles à la sécurité économique**. Rapport au Secrétaire général de l'Organisation des Nations Unies. Disponível em: http://www.haitimonde./capsules/IMG/pdf/Collier_Rapport_sur_Haïti.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

DACILIEN, R. CHAVES, Mal. Questão Social & Qualidade de Vida: estudo de caso dos imigrantes haitianos em Manaus. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 21, p. 1-23, e2115018, 2021. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao>.

DIAS, Áurea. C. S. **A nova face da imigração no brasil no século XXI**: trabalho precário e intolerância. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 4., E 11º ENCONTRO NACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 11., Vitória, 2016. ISSN 2175-098X. Vitória (ES, Brasil), 6 a 9 de junho de 2016.

DUMÉNIL, Gérard; LÉVY, Dominique. Imperialismo na era neoliberal. **Crítica Marxista**, n. 18, p. 11-36, 2004.

HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

GAUDEMAR, Jean-Paul. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Tradução de Maria do Rosário Quintela. Lisboa: Estampa 1977.

LENINE, Vladimir Ilitch. **El capitalismo y la inmigración de los obreros**. In: Obras completas, t. XX. Madrid: Akal, 1977.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **A imigração haitiana em Santa Catarina**: perfil sociodemográfico do fluxo. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2017.

MALTHUS, Thomas. *An Essay on the Principle of Population* : An Essay on the Principle of Population, as it Affects the Future Improvement of Society with Remarks on the Speculations of Mr. Godwin, M. Condorcet, and Other Writers. Editor London Printed for J. Johnson, in St. Paul's Church-Yard, 1798.

MARX, Karl. **O Capital**. Coleção Os economistas. São Paulo: Abril Cultural, Livros I, II e III, 1983, 1984 e 1985.

NAKATANI, Paulo; GOMES, Helder. A natureza e as contradições da crise capitalista. In: GOMES, Helder (Org.). **Especulação e lucros fictícios**: formas parasitárias de acumulação contemporânea. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

NAKATANI, P. **Estado e acumulação do capital**: discussão sobre a teoria da derivação. *Análise Econômica*. 2009. <https://doi.org/10.22456/2176-5456.10261>.

POST, Charlie. **Le mythe de l'aristocratie ouvrière**. Ed. La brèche. 2008. Acesso em: https://alencontre.org/archives/lb/Rev03_US_Aristo.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.

RICHMOND Anthony H. **Sociological Theories of International Migration**: The Case of Refugees. First Published June 1, 1988.

SAID, Edward. **Reflexions on Exile**. 1984. In *Reflections on Exile and Other Essays*, Cambridge, MA, Harvard University Press, 2002, pp. 173-186.

SEGUY Franck. Racismo e desumanização no Haiti. **Revista de Educação**, v. 10, n. 20, jul./dez .2015.

SILVA Sidney A. Haitianos em Manaus, Mercado de trabalho e exercício da cidadania, 2014. In: SILVA Sidney Antônio, ASSIS O Gláucia. **Em busca do Eldorado**: o Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais. Editorial da Universidade Federal do Amazonas. 2016.

SOTELO VALENCIA, Adrián. Neo-imperialismo, dependência e novas periferias na economia mundial. In: SADER, Emir; SANTOS, Theotonio dos (Coord.); MARTINS, Carlos Eduardo; VALENCIA, Adrián Sotelo (Orgs.). **A América Latina e os desafios da globalização**: ensaios em homenagem a Ruy Mauro Marini. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Boitempo, 2009. Parte II, p. 111-133.